



Un autre monde
est possible

flamme d'Afrique

PORTO ALEGRE 2005

L'Afrique décline ses urgences

P. 5

Jeudi 27 janvier 2005 - N° 1 - Quotidien du 5^{ème} Forum Social Mondial - Porto Alegre

World Social Forum heads for Africa in 2007



FORUM SOCIAL SUR LA COMMUNICATION

Paradoxes africains et priorités

Pour la première fois depuis la création du Forum social mondial, l'information et la communication font leur entrée dans l'agenda du mouvement altermondialiste. A l'initiative de l'agence Ips, du *Monde Diplomatique* et de l'agence de coopération néerlandaise Novib, des alternatives à la concentration des moyens de communication et à l'uniformisation de l'information sont à l'examen. Et de l'avis des panélistes qui ont échangé sur la question mardi dernier, celle-ci est partie pour s'inscrire durablement parmi les priorités du Fsm. **PAGE 4**

PORTO ALEGRE ET LE FSM

Une ville qui tient à «son» forum



Le préfet de Porto Alegre. Désireux de voir sa ville continuer de porter l'empreinte du Fsm.

By **Thomas DEVE**

It has been officially announced that the International Council of the World Social Forum has agreed to use a new format to host the forum in 2006 initiating four continental regional blocs and reverting to the now well-known Porto Alegre to Mumbai form in 2007, but this time taking the antiglobalisation movement to Africa.

Speaking at the opening press briefing of the International Council, Meena Menon from India said Africa will have an opportunity to showcase its unique situation and expected the rest of the world to show solidarity in an effort to demonstrate that the continent's issues are interconnected with those confronting other global citizens.

Using the Tsunami tragedy as an example, Meena highlighted that while Asia lost many of its citizens in the disaster, other nations further afield suffered casualties as their citizens were in Asia as a result of tourism, an industry that has shrunk the globe as people travel from one part of the world to the other.

Njoki Njehu, from Kenya reiterated that Tsunami had taught some nations that it was important to work together in confronting evils of the world caused by corporate led globalisation, backed by Western nations and linked to the destructive policies of the IMF and World Bank. She highlighted that Africa was full of struggles and experienced very inspiring resistance initiatives whose alternatives will be a good link with the spirit of the World Social Forum that

was nurtured in Porto Alegre.

Coming to Africa in 2007 will be a major demonstration that citizens of Africa, working together with other global movements are saying "No" to an agenda and programme that will sow seeds of their destruction. She emphasized that Africa for example has said repeatedly, "no to illegitimate debts; those that exist have been paid back many times over and it is time to collectively repudiate them and refuse to pay."

Njoki and Menon assured all those that were expressing doubts over the proposed methodology of 2006 not to worry because this was one guaranteed way of making sure that the spirit of people's participation as espoused in the local government of Porto Alegre is shared across the world.

Meanwhile, Africa has

landed in Brazil under the auspices of the African Social Forum, a very strong delegation, as a show of strength and the growing popularity of the world social forum processes on the continent.

Thronging all the meetings and Commissions of the International Council held in Brazil over the past two days, it was indeed a demonstration that time has come for Africans to say "Another Africa is in the making" and all processes for hosting the Forum in 2007 were now in motion.

FSM «ocupa» Porto Alegre

PAGINA 2

FSM «ocupa» Porto Alegre

Enriquecido em Mumbai, Índia, iniciou ontem, 26, em Porto Alegre, o V Fórum Social Mundial, um espaço aberto de aprofundamento da reflexão, debate democrático de idéias, formulação de propostas, troca livre de experiências e articulação para ações eficazes de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital. Este FSM, segundo a organização, debate as alternativas para construir uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais em todas as nações e o meio ambiente, apoiado em sistemas e instituições internacionais democráticas a serviço da justiça social, igualdade e soberania dos povos.

A edição 2005 do FSM deixou os espaços fechados e avançou para ruas, praças, armazéns e parques de Porto Alegre e tenta transformar em realidade algumas das alternativas que defende para um outro mundo. Esta é, no entender do Comitê Organizador do FSM, uma forma ainda mais inclusiva porque propicia uma interação crescentes, não apenas nos discursos e no encontro de idéias, mas também na forma como o Fórum se desenrola. Esperase a participação de cerca de 150 mil pessoas, de 119 países, e cinco mil profissionais de imprensa, de 65 países, dos cinco continentes, representando mais de mil órgãos de comunicação para fazer a cobertura deste Fórum Social Mundial (FSM), que se alonga até ao próximo 31 de janeiro, em Porto Alegre.

Números que deixam um dos idealizadores do certame «satisfeitíssimos», tendo em

conta que, observa Whitaker, demonstram a credibilidade que o FSM já conquistou no mundo. *“As pessoas estão descobrindo o FSM. É um processo em que estão re-acreditando numa utopia e, principalmente, vindo para cá não têm de obedecer nenhuma direcção. Não há nenhum documento final dizendo o que devem fazer”*, revela Whitaker, para quem o FSM mantém, após cinco edições, as mesmas aspirações que ditaram o seu surgimento, apesar das ideias terem evoluído e nascido novas propostas.

Aliás, segundo Whitaker, todas as campanhas mundiais em curso – eliminação da dívida dos países da África, por exemplo, acesso a medicamentos mais baratos para combater a sida, mercados igualitários, direitos das mulheres e das crianças, etc -, nasceram e cresceram com os encontros que aconteceram nos fóruns, ainda que tenham mantido suas autonomias. *“As pessoas não vêm para o FSM para ouvir propostas. São pessoas que já estão a trabalhar para a eliminação da dívida, mudanças ecológicas, direitos das*

mulheres, igualdade nas relações comerciais, entre outros. Vêm para uma troca, enriquecimento mútuo e uma maior articulação. Se houvesse um documento final para atender as suas aspirações, este seria ‘fluê iríamos levar, no mínimo, cinco dias para discutir, que podem ser melhor aproveitados’”, defende Whitaker.

Entre as personalidades aguardadas no FSM, realça-se a presença dos presidentes do Brasil, Lula da Silva, ainda que, segundo um membro do Secretariado, num ambiente de

alguma desilusão por causa do seu afastamento dos ideais sociais – os alter-mundialistas não perdoam o facto do Brasil ter desembolsado mais de dois bilhões de reais, em 2004, para pagar juros da sua dívida e investido quantias irrisórias no melhoramento da educação, saúde, habitação social, entre outros-, e da Venezuela, Hugo Chavez, este sim venerado por causa da sua resistência a Bush e as suas políticas, o que demonstra, no entender dos participantes do FSM, que “um outro mundo ainda é possível”.

Constança DE PINA

Porto Alegre, uma cidade singular

Os traços arquitetónico e humano de Porto Alegre espelham a sua pluralidade, diversidade e heterogeneidade étnica, cultural e social. A construção e o povoamento da cidade coube à tropeiros (séculos XVII), colonos açorianos (1752), africanos e emigrantes italianos e alemães, estes últimos entre 1820 e 1890. Esses grupos e países se apoderaram das terras dos indígenas e geraram a imagem original e única de Porto Alegre.

As lendas, crenças, hábitos e costumes desses diferentes povos que passaram por aqui constituem o mosaico cultural e físico que identifica e apresenta Porto Alegre. Da forma arrastada e mansa de falar à maneira de vestir, sobretudo os trajés pampas, ao chimarão, este uma herança que se exhibe como uma marca da região. É isso que a população porto-

alegrense, composta por aproximadamente um milhão e trezentos mil habitantes, oferece aos cerca de 150 mil alter-mundialistas que se acredita deverão participar e interagir no V Fórum Social Mundial de Porto Alegre. E esta cidade gaúcha se perfila, uma vez mais, como um ponto de convergência da cidadania e referencia mundial no questionamento à desigualdade, injustiça, intolerância, devastação ambiental e preconceito.

Como? Os porto-alegrenses abriram as suas casas para o mundo, oferecendo hospedagem por cortesia ou à preços simbólicos – diárias de 10 e 20 R\$, entre quatro e oito dólares -, numa altura em que os hotéis e pensões ficam superlotados. A Prefeitura de Porto Alegre também fez a sua parte – havia alguma



expectativa no ar por causa da alteração política que desalojou o PT, depois de quase meia geração de esquerda e colocou o PPS na ribalta da política brasileira -, ao colocar em torno de uma dezena de secretarias a trabalhar directamente para o FSM e disponibilizar R\$ 2 milhões para o FSM, através de um convênio com a Associação Brasileira de Organizações Não – Governamentais (Abong).

Mas este donativo não foi gratuito. O prefeito José Fogaça reafirma a satisfação, o orgulho da cidade e o desejo da população para que o FSM fique em Porto Alegre. *“Queremos que Porto Alegre continue sendo uma referência. Fazemos isso não só pela razão de que a cidade ganha notoriedade internacional mas, sobretudo, porque o importante, e talvez o maior ganho, é o facto de termos o privilégio de garantir aqui esta que é a mais rica, generosa e fluente troca de ideia que ocorre no mundo hoje”*, assegurou Fogaça, que esteve na reunião do Conselho Internacional do FSM, que contou com a presença dos seus pares do Fórum Social Africanos, como observadores.

A par do apoio financeiro, a Prefeitura criou um serviço de turismo, a Central de Passeios Turísticos, que funciona no

auditório Porto Alegre e oferece roteiros comercializados pela agências de viagens. De entre as propostas da Central destaca-se, como uma das maiores atrações, a visita a Ilha da Pintada, que integra um projecto de desenvolvimento turístico sustentável com iniciativas que gerem trabalho e renda à população local. As viagens acontecem de noite em pequenos barcos, que partem do cais da Usina em direcção a Colónia de Pescadores. Lá os visitantes assistem shows com a banda Trem 27, vencedora do Prémio Açoriano na categoria pop/rock, conhecem o artesanato feito com escamas de peixes e saboreiam jantares com especiarias da ilha.

A população endossa o discurso optimista do poder local. Um dos muitos taxistas que prestam serviço no FSM indica que nesta época do ano a cidade fica praticamente vazia porque boa parte das pessoas, que vêm do interior, partem de férias para as praias e cidades rurais. *“Queremos que o FSM fique aqui para sempre porque proporciona uma movimentação diferente à cidade. No nosso caso em concreto, salva o verão”*. E o FSM tem hoje um território próprio nesta cidade de Porto Alegre que vai além da geografia.

Constança de PINA

Usina do Gasômetro O centro nefrálgico do FSM

O passado e o presente se cruzam harmoniosamente no Centro Cultural Usina do Gasômetro, espaço que acolhe a imprensa nacional e internacional e o Secretariado do Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Esta estrutura imponente, que salta a vista de imediato, é hoje um dos principais símbolos arquitectónicos desta cidade e visita obrigatória para os turistas que demandam o Brasil em geral e Porto Alegre em particular.

A história do Centro Cultural Usina do Gasômetro é antiga e se confunde um pouco com a da cidade de do Porto Alegre. Foi inaugurada em 1928, então uma usina termoeléctrica que fornecia energia à base de carvão mineral para todo Porto Alegre. Hoje o espaço ou Centro Cultural integra um conjunto de equipamentos administrados pela Prefeitura de Porto Alegre. Em 1983, o prédio foi tombado pelo património histórico e, oito anos mais tarde, ainda em obras de reestruturação, abriu as portas como centro cultural, sem perder a atmosfera das antigas usinas que existiam na época por todo Brasil.

O nome, Gasômetro, ganhou-o de uma

fábrica de gás cuja localização era popularmente conhecida como “Volta do Gasômetro”. Lá dentro, nos seus sete pisos, a palavra de ordem é a diversidade, com as suas galerias ocupadas, na sua grande maioria, pela imprensa – rádios, agências, televisão e jornais. Mas há ainda espaços para exposições, serviços de informação turística, cinema, administração, um memorial, entre outros.

O exterior, com as inúmeras barracas, assemelha-se a uma cidade de lona que se prolonga por toda a margem do rio Guaíba em mais de cinco quilómetros. São essas tendas que acolhem os onze espaços temáticos do FSM, incluindo o acampando internacional da juventude e as várias actividades culturais, entre os quais exposições – pintura, fotografia, colagem, escultura, cerâmica, oficina de papel -, uma mostra intercontinental de cinema e vídeo com algumas películas produzidas na África e por africanos e ainda oficinas teatrais e grupos de dança, numa diversidade que se harmoniza e se completa.

C. DE PINA



DE MUMBAI A PORTO ALEGRE

Un retour marqué par l'expérience indienne

Energie, diversité et une forte disposition à transformer le monde, tels sont les maîtres mots du 5^e Forum social mondial (Fsm) lancé hier mercredi 26 janvier. Un rendez-vous bien-nal de retour à Porto Alegre, après l'étape de Mumbai en 2004. Malgré la distance qui sépare les deux villes brésiliennes et indiennes, on ne sent pas pas de rupture entre les deux événements. Le cachet populaire remarquable à Mumbai, marque aussi Porto Alegre. «Nous avons beaucoup appris avec l'expérience indienne, en

voyant organiser cet événement dans un endroit facile d'accès et symbolique», confie Antonio Martins, membre du Secrétariat du Fsm. Ainsi «le forum laisse les salons climatisés pour occuper les bords du fleuve Guaiaba sur quelque 5 km», poursuit-il.

Ce cinquième rendez-vous des altermondialistes, dans la ville qui a accueilli les trois premières éditions (2001, 2002 et 2003), est aussi parti pour battre les records de participation. «Environ 70 000 personnes sont déjà inscrites, mais ce

nombre devrait augmenter très rapidement et dépasser les 100 000», soulignait Antonio Martins lundi dernier, deux jours avant l'ouverture du forum. Les plus optimistes attendent 125 000 participants, ce qui placerait l'édition 2005 devant celui de l'année dernière avec ses 111 000 participants. Déjà un premier record vient d'être battu : celui du nombre de journalistes qui couvrent l'événement. Ils sont plus de cinq mille venus du Brésil, de l'Argentine et des États-Unis.

Le président brésilien Luiz da Silva Lula est une des nombreuses personnalités attendues sur les rives du fleuve du Guaiaba où le site du Forum s'étend sur 5 km. Certes le charme n'est plus le même qu'il y a trois, quand une euphorie presque général avait porté au pouvoir celui qui est présenté comme un porte-étendard de la société civile, ancien syndicaliste devenu chef de l'Etat avec l'élection présidentielle de 2003. «Son arrivée au pouvoir avait suscité beaucoup d'espoirs. Son gouvernement avait aussi promis beaucoup de changements», reconnaît Antonio Martins pour expliquer la désillusion qui monte dans une frange de la population brésilienne. Mais ce pays a du mal à jongler avec les «chiffres du bonheur», se particularisant plutôt par le poids d'une dette qui asphyxie son économie. En 2003, le Brésil a consacré 150 milliards de reais (environ 50 milliards de dollars) au paiement des intérêts liés à ce fardeau. Soit quatre fois plus que les investissements dans le secteur de la santé, cinq fois plus que dans l'éducation et deux cents fois plus que pour l'assainissement, la recherche scientifique ou l'écologie. «Ce sont des chiffres choquants, d'où une frustration d'une partie de la société. Et c'est possible qu'il y ait des manifestations (de défiance contre Lula), même si cela n'aura aucun impact sur l'agenda du Fsm», confie M. Martins.

Vladimir MONTEIRO

PORTO ALEGRE ET LE FSM

Une ville qui tient à «son» forum

Le Forum social mondial est devenu une partie de l'identité de cette ville, qui d'ailleurs le lui rend bien. Dans cette ville accueillante et ouverte, l'hospitalité, la courtoisie se lisent d'abord dans les prix. Entre 10 et 20 R\$, soit 4 à 8 \$, des populations sont prêtes à offrir le gîte. Aucune spéculation folle chez l'habitant, dans une période où les hôtels sont débordés. Du côté de la préfecture non plus on n'y est pas allé de main morte. Treize secrétariats ont été spécialement délégués à l'organisation du Fsm, sans compter un budget de 2 millions de R\$ (700 000 \$ environ) débloqué pour soutenir le Fsm, à travers un partenariat avec l'association brésilienne des organisations non gouvernementales (Abong).

Du côté des altermondialistes, on ne s'attendait guère à pareille sollicitude. Surtout à la suite de changements politiques survenus au niveau de la ville, avec la défaite du Parti du travail du président Lula, proche des idées altermondialistes. Mais le Parti progressiste social (Pps) qui contrôle aujourd'hui Porto Alegre, force politique au Brésil, ne renie rien du Fsm. Préfet de ville, M. José Fogaça, accueille «avec plaisir» la centaine de milliers de personnes venue se fondre dans les 1,3 millions d'habitants de cette localité du Rio Grande do Sul. «On veut que Porto Alegre soit une référence. Nous faisons tout cela pour que notre ville gagne en renommée et en visibilité internationale. Mais le plus important demeure le privilège



Jose Fogaça, le préfet de Porto Alegre.

que nous avons de participer à garantir la permanence de cette dynamique qui consiste à changer les idées dans le monde», assure M. Fogaça. Lundi dernier, le préfet de Porto Alegre était d'ailleurs à la table du Conseil international du Fsm, dont la réunion se tenait en prélude à l'ouverture de cette cinquième édition. Une rencontre à laquelle on notait la présence de délégués africains à titre d'observateurs.

Un peu partout dans Porto Alegre, les altermondialistes ont fini de se fondre dans le décor. Badge au vent ou sacoches en bandoulière, bien identifiables pour une population guère avare en sourires. En fait, en cette période estivale, la ville se vide d'une bonne partie de sa population en vacances. «Nous voulons que le Fsm reste ici pour toujours, parce qu'elle apporte une nouvelle animation à la ville. Ce sont ces altermondialistes qui sauvent ma saison d'été», lance un taximan.

SITE

Usine de gazomètre Le centre névralgique du Fsm

La bâtisse saute à l'oeil du visiteur non seulement par ses imposantes dimensions, mais aussi par son architecture symbolique de cette ville de Porto Alegre. Incontournable, elle l'est dans les circuits touristiques. Pour ce 5^{ème} Fsm, elle se dresse comme un repère incontournable. La presse nationale et internationale ainsi que le Secrétariat du Forum social mondial de Porto Alegre font battre son pouls à longueur de journée. Comme jadis cette Usine du gazomètre maintenait la cadence pour alimenter Porto Alegre en électricité.

Inaugurée en 1928, la bâtisse abritait une usine thermoélectrique. Tombée en désuétude et désaffectée, elle «renaissait» en 1983 pour être classée patrimoine historique. Et c'est pendant que se poursuivait sa réhabilitation, huit ans plus tard, que l'espace était transformé en centre culturel, accueillant également un ensemble de services administratifs rattachés à la ville. Les travaux de réhabilitation n'ont rien altéré à cette atmosphère des usines de l'époque qu'on connaissait à travers le Brésil.

Le nom «Gazomètre» vient d'une unité de production de gaz jadis installée dans les environs, dont l'identité a marqué le site. Sur les sept étages de la bâtisse, et d'un niveau à l'autre, on tombe sur la salle de presse, des espaces d'exposition, des centres d'informations touristiques, un mémorial, la direction du site du Fsm, etc.



Attentes Africaines

ABDELJELIL BÉDOUI (Tunisie)

«Une Afrique active et unie»

«J'espère que le Conseil mondial va s'accorder sur le pays africain qui accueillera l'organisation du Fsm en 2007. Pour le moment, il y a le Ghana qui se propose, mais aussi le Mali et peut-être le Maroc. Que celui qui offre les meilleures conditions et observe certains critères déjà discutés comme la situation géographique, les conditions politiques, la facilité d'accès, un minimum d'infrastructures et un forum social local actif, capable de prendre en charge une pareille organisation (qui est lourde et représente un véritable défi), soit distingué.

A ce Fsm, j'espère aussi voir l'Afrique présente de manière active. Qu'elle fasse entendre sa voix d'une façon unitaire. Nous devons montrer l'image d'un continent capable de se valoriser dans ce genre de rendez-vous. Mais surtout que les thèmes soient l'objet de débats fructueux et d'échanges de points de vue et d'expression de solidarité entre tous les peuples».

NJOKI NJOROGÉ NJEHU (Kenya)

The Social Forum will be changed by Africa

«My expectations is that we have made progress in terms of organization and methodology. I think that one of the interesting development is the role that the Youth Camp is playing in the social forum. In Mumbai, the Youth Camp was separate from the main Social Forum. This is a great development. Many of the new innovation we have seen come from the experiences and the differences that people learn from being in Mumbai in reference of the fact is more intense. I have no doubt that the social forum experience will change Africa but I am more confident that the Social Forum will be changed by Africa».

ORGANISATION DU FORUM SOCIAL MONDIAL C'est l'Afrique pour 2007



Les Africains s'installent à Porto Alegre et posent le débat sur les solutions africaines.

C'est officiellement confirmé. L'Afrique va accueillir le Forum social mondial (Fsm) en 2007. Le Conseil international du Fsm en a décidé ainsi à l'issue de sa réunion tenue les 24 au 25 janvier, en prélude à cette cinquième édition qu'abrite Porto Alegre. Le communiqué final de la rencontre souligne que cette première sur le continent africain se tiendra sous la responsabilité du Conseil international et celle des organisations africaines.

Depuis le dernier Fsm tenu à Mumbai en janvier 2004, l'idée d'une candidature africaine avait commencé à émerger. Sans doute inspirée par l'expérience indienne. Elle devait ensuite être confirmée à Lusaka, en décembre dernier, lors du dernier Forum social africain (Fsa). Le vin étant maintenant bien tiré, il reste à passer à table.

Un agenda se dessine désormais pour les Africains. Ainsi devront-ils présenter avril 2005, à la réunion du Conseil international, le programme de travail pour le Fsm 2007. Et dans cette entreprise, ils pourront compter sur le soutien du Conseil, prêt à accompagner le processus qui aboutira à l'accueil de tous les altermondialistes de la planète dans un pays africain dont la désignation n'est pas encore effective. Le temps de l'apprentissage pour l'Afrique passera aussi par les expériences tirées du Fsm 2006. Et ce rendez-vous se dessine déjà différemment.

Le Conseil international a en effet confirmé le fait qu'elle se tiendra de manière déconcentrée, dans différents endroits du monde, afin d'élargir et d'enraciner le processus. Un éclatement qui rompt avec une organisation qui se tient en un seul lieu et à une seule période, comme l'actuel forum de Porto Alegre, pour mettre en place différents événements dans différentes parties du continent.

Au dernier Forum social africain de Lusaka, la candidature marocaine avait été avancée dans ce sens, pour un Fsm régional en Afrique, mais celle n'a pas encore été validée.

Dans cette dynamique globale mais éclatée, le Conseil international a décidé que toutes les activités réalisées dans les régions, les pays ou par des organisations, en conformité avec la charte de principes du Fsm, feront partie du Forum social mondial 2006. Et le processus sera lancé par des événements prévus pour se tenir à la même date que le Forum économique de Davos. Dans cette perspective, le Conseil souhaite que les propositions formulées, en concertation avec le comité d'organisation du Fsm, lui soient présentées avant avril 2005, en vue de la réunion qui se tiendra pour définir l'architecture du processus pour 2006. Il s'agira alors de «systématiser et de diffuser les différentes expériences afin de les socialiser».

Ces décisions du Conseil

international sont saluées par les délégués africains à Porto Alegre. Pour Mme Leila Abdelkrim, membre du secrétariat du Forum social africain, le fait de valider la candidature de l'Afrique pour le Fsm 2007 et de donner aux Africains une latitude de décision sonne comme «une victoire politique. Et comme telle, tous les altermondialistes du continent doivent s'en féliciter». Dans le même sens, Moussa Dembélé, membre du secrétariat du Fsa, opine pour dire que «tous les objectifs inscrits à l'agenda des délégués africains sont atteints. En venant à Porto Alegre, il s'agissait de nous assurer que le Fsm 2007 aura lieu en Afrique, et c'est désormais un acquis. Mieux, il nous reviendra de gérer en toute liberté le processus d'organisation de ce forum». Et de soutenir que «les Africains sont prêts à relever les défis pour jouer pleinement leur rôle dans l'expansion du Forum social mondial».

Ousseini ISSA

FORUM SOCIAL SUR LA COMMUNICATION

Paradoxes africains et priorités

Réfléchit-on assez sur les questions stratégiques de l'information et de la communication ? Comment traduire cette problématique globale en objectifs clairs et réalistes ? Quels sont les espaces les plus appropriés pour lancer le débat et les actions ? Telles sont les questions que le Forum social sur la communication a proposé au menu de l'un de ses panels, l'un des rares où l'Afrique a fait entendre sa voix... sous le signe du paradoxe. En effet, la directrice de l'Institut Panos Afrique de l'Ouest, Mme Diana Senghor, s'est d'emblée interrogée sur la pertinence du sujet pour l'Afrique. «Dans quelle mesure l'Afri-

que est-elle atteinte par la marchandisation de l'information ?», se demande-t-elle. Et au regard des taux marginaux d'alphabetisation dans les langues de production des journaux – environ 30% de populations alphabétisées en Afrique de l'Ouest - et des problèmes de distribution de la presse, la réponse va de soi : «L'Afrique ne semble pas affectée par le contrôle des moyens d'information et de communication par le marché».

Reste alors l'espoir suscité par la floraison des radios (dont 150 au Mali) et singulière-

(Suite page 5)

REVUE DE PRESSE

Le Fsm lu à travers le monde le 26 janvier 2004

La mondialisation, un dieu à deux visages

Le Soleil (Sénégal) - Les Africains seront davantage présents à Porto Alegre, après la dernière édition d'il y a deux ans, de Mumbai en Inde. Les représentants d'Enda Tiers-monde, du Congad, du Ripess et du Forum social sénégalais se disent fins prêts pour proposer une autre alternative, à l'heure où l'Afrique est désignée pour recevoir le Fsm 2007. Après une présence symbolique à Porto Alegre en 2001 et une percée à Mumbai en 2003, l'Afrique compte sur plus de deux cents organisations et mouvements au Forum social mondial qui se tient, cette année, de nouveau à Porto Alegre. C'est pour faire pendant au slogan «No Alternative» lancé par les dirigeants du monde développé à Davos, que les organisations de la société civile internationale ont initié ces rencontres biennales.

Agência Carta Maior (Brésil) - A definição de que a sede do Fsm 2007 será um país africano já foi acordada na reunião pós FSM 2004, em Mumbai, na Índia, como parte da política de mundialização do Fórum. Segundo o Secretariado Internacional do Fórum, realizá-lo na África precisa ser encarado, em nosso meio, como um desafio coletivo, não apenas como responsabilidade do país africano que vier a ser escolhido para sediá-lo. Este compromisso terá, naturalmente, implicações materiais e financeiras, mas seu sentido essencial é político. O mundo dos Fóruns Sociais precisa anunciar, ainda em Porto Alegre, que assumiu a tarefa de apontar a dívida do planeta em relação ao continente esquecido e de lutar pelo seu resgate. Nos próximos dois anos, um pouco de nossas energias, em cada organização e cada país, deve ser dedicado a compreender e a difundir o que é esta dívida, que mecanismos a engendraram, quais as formas de saldá-la.

Libération (France) - La mondialisation a, comme le dieu romain Janus, deux visages. A Davos, les global leaders cloîtrés dans le coffre-fort helvète vénèrent celui que dessine les flux financiers, les taux de change et l'atlas des échanges commerciaux et des investissements. A Porto Alegre, les *global alters* campant dans la fournaise brésilienne, célèbrent le visage de la contestation générale, des réseaux de mobilisation sans frontières, des débats porteurs d'utopies pragmatiques et des luttes contre le saccage de l'environnement. Mais voilà que ces deux visages se fondent. Chirac défend à Davos l'idée de taxe internationale pour financer la lutte contre la pauvreté, germée à Porto Alegre. Blair lance à Davos un G8 qu'il veut consacrer au développement, à l'environnement et à un «plan Marshall pour l'Afrique» qu'applaudirait Porto Alegre. Et les organisateurs de Davos accusent patrons et dirigeants politiques d'être des pingres, aveugles aux dangers des inégalités croissantes, de la misère persistante et des ravages de la nature. Lula, le Brésilien «alterpragmatique», prêche à Davos la campagne mondiale contre la pauvreté qu'il lance à Porto Alegre.

Rassemblé par V. MONTEIRO



La globalisation remet à l'ordre du jour le débat sur un nouvel ordre mondial de l'information et de la communication.

POINT DE PRESSE DU CONSEIL INTERNATIONAL L'Afrique décline ses urgences

Si l'Afrique est présente à ce 5^e Forum social mondial, c'est aussi «pour dire non aux exactions qu'elle subit». Membre «50 Years Is Enough Network», une Ong du Kenya, Mme Njoki Njehu était hier à la conférence de presse donnée par le Conseil international du Fsm pour le clamer. Et le tableau qu'elle dresse des maux du continent et des défis à relever vont de la lutte pour la réduction de la pauvreté à celle contre les violations des Droits de l'homme, en passant par la

dette sur laquelle elle a mis un accent particulier.

Face à ces urgences, l'Afrique sans moyen. Ses réponses, comme les a articulés Mme Njoki Njehu, reposent sur des valeurs qui tournent autour de la solidarité. Cette même solidarité que l'Indienne Meena Menon, de Focus on The Global South, a appelé à cultiver, invitant, au cours de ce point de presse, tous les citoyens du monde à s'unir et à se mobiliser contre les maux que sont les guerres, la

globalisation, la pauvreté, qui minent la planète.

Cette conférence qui sonnait comme le lancement officiel de ce 5^e Fsm, avait aussi réuni Mme Salette Valesan du comité d'organisation, le secrétaire à la Coordination de la politique de la gouvernance locale de Porto-Alegre, César Busatto, le secrétaire d'Etat à la Coordination de la Planification, Joao Carlos Brun Torres et le secrétaire général à la présidence de la République, Luiz Dulci. **Hippolyte DJIWAN**



Mme Njoki Njehu (au centre), à l'occasion de la conférence d'hier : des priorités exprimées en terme de lutte contre la pauvreté et le poids de la dette.

Paradoxes africains et priorités (suite de la page 4)

rement des radios communautaires, symboles de la pluralité voire du pluralisme médiatique et de la diversité. Mais à ce niveau encore, Diana Senghor rétorque que «la pauvreté est parfois telle que des auditeurs n'ont même pas les moyens de s'offrir régulièrement des batteries pour faire fonctionner leurs postes récepteurs ! ». Il s'y ajoute que les services publics de radiodiffusion ne desservent pas toutes les régions. Au Sénégal, par exemple, la Radiodiffusion télévision sénégalaise ne couvre que 70% du territoire.

Pourtant, il existe bel et bien des opinions puliques sur le continent. Au lendemain des attentats contre le World Trade Center, une étude menée par un sociologue au Nord du Mali a révélé que les habitants d'un village en marge des flux d'information mondialisés étaient capables de dire combien de personnes y avaient perdu la vie. Dès lors, la directrice de l'Ipao en déduit qu'elles s'informent, en partie, par des canaux autres que médiatiques. Et d'ajouter que «nous ne devrions pas surestimer le rôle des médias dans la société de l'information», pour souligner ensuite qu'il y a une véritable

place pour les technologies de l'information et de la communication (internet, téléservices, etc) et surtout pour les canaux traditionnels d'acquisition et de partage d'informations.

Quand bien même l'Afrique ne serait pas touchée outre mesure par la « mercantilisation » de l'information, elle n'est pas épargnée par ses deux corollaires que sont la privatisation et la mondialisation. Les conséquences qui en résultent sont, en ce qui concerne la privatisation, l'abandon du service public et l'accaparement des médias indépendants par des lobbies. Quant à la mondialisation, elle laisse l'Afrique en marge de ses priorités, tant au point de vue des contenus que de l'investissement. La banqueroute de l'Agence panafricaine d'informations (Pana), qui survit difficilement, en est une illustration.

Toutefois, Mme Senghor se félicite des «résistances» développées au niveau local. A l'exemple de ce journaliste Sénégalais qui y est allé de sa propre poche pour se rendre en Irak pendant la guerre. Mais le tableau reste peu reluisant et pousse à tirer quelques priorités pour le secteur de la communication africain. Selon Mme

Senghor, il faut, au plan politique, garantir et promouvoir le droit et l'accès à l'information. En cela, l'Union africaine doit jouer un rôle central. Le service public de radiodiffusion doit être restauré en «réinventant le rôle de la radio publique». L'Afrique doit aussi faire entendre sa voix au niveau international, mais surtout faire valoir ses arguments quant au fossé numérique et à la diversité. Le renforcement des capacités des organisations de la société civile est encore préconisé sur ces questions, mais aussi des gouvernements africains. Et la directrice de l'Institut Panos Afrique de l'Ouest d'en appeler à la coordination des résistances qui s'organisent déjà. Résistances politiques dans le cadre des pays en situation post-conflit et en période électorale, résistances culturelles et sociales avec les langues nationales et l'appropriation des moyens de communication par les femmes, résistances au niveau organisationnel avec les organisations de la société civile, etc. Ces résistances devraient être connectées les unes aux autres grâce aux technologies de l'information et de la communication.

Souleymane NIANG

África mostra a cara em Porto Alegre

A África conseguiu mostrar a cara e passar a sua mensagem em meio a grande caminhada que aconteceu na tarde de ontem, 26, e que marcou a abertura oficial do V Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Um feito considerado "muito positivo" por Taoufik Ben Abdallah e Bakary Fofana, ambos do Conselho do Fórum Social Africano.

"Viemos mostrar que existimos e estamos presentes em todas as manifestações do FSM. É importante frisar que somos solidários por um mundo alternativo", afirma Taoufik Ben Abdallah, lembrando ainda que a África também defende os valores da igualdade entre homens e mulheres e da não violência.

Mais pragmatique, Bakary Fofana aponta três razões para justificar a presença da África na marcha de Porto Alegre: mostrar que o continente está

no FSM, passar uma mensagem e recolher subsídios para quando sediar o evento. "É importante que os outros vejam que partilhemos as mesmas preocupações."

Mas Fofana não reteve apenas os acontecimentos positivos. Segundo o entrevistado de Flamme d'Afrique, a moldura humana que percorreu os cerca de três quilômetros da cidade de Porto Alegre na "Grande Caminhada do FSM 2005" deve levar os africanos refletir sobre o desafio que será acolher o certame em 2007. Já Taoufik prefere acreditar que esta é uma aventura que o continente aceitou e que agora vai ter de se preparar para acolher o resto do mundo, particularmente os movimentos sociais que reivindicam outras alternativas e mostrar que tem objetivos e valores próprios que quer partilhar.

Constança de Pina

Flamme d'Afrique, un an plus tard

C'est au Forum social mondial de Mumbai, en janvier 2004, que ce journal avait été lancé. L'objectif de *Flamme d'Afrique* était alors de donner plus de visibilité à la participation africaine à ce rendez-vous, de favoriser l'expression et le partage des idées développées par les Africains et de mettre en valeur les attentes africaines dans «un autre monde possible».

Ce quotidien qui n'existe que le temps d'un Forum social en est à sa quatrième expérience. Après Mumbai, *Flamme d'Afrique* a accompagné le 1^{er} Forum social ouest-africain, organisé à Conakry (Guinée) du 28 au 30 novembre 2004. A Lusaka, pour le 3^e Forum social africain tenu du 10 au 14 décembre 2004, le journal a aussi été de la partie. Ce 5^e Fsm constitue donc la quatrième étape d'une expérience qui boucle sa première année.

L'initiative d'animer ce journal découle d'un partenariat entre Enda Tiers-monde, l'Institut Panos Afrique de l'Ouest et Women for Change. Au-delà d'un accompagnement à la participation africaine dans le cadre du Fsm, *Flamme d'Afrique* traduit aussi une volonté d'impliquer davantage le secteur des médias et de la communication pour renforcer le mouvement social africain en assurant une plus large diffusion des idées, des enjeux et des perspectives qui se dessinent autour. Les journalistes qui composent la rédaction de *Flamme d'Afrique* viennent de différents pays africains. En plus de la réalisation du journal, ils couvrent aussi le Fsm pour mieux informer le public africain à travers d'autres canaux (liste de diffusion et journal en ligne).

Rédaction française et lusophone

Comité éditorial : Taoufik Ben Abdallah, Diana Senghor; Thomas Deve - **Coordinateur :** Tidiane Kassé - **Rédaction :** Hippolyte Djivan, Ousseini Issa, Vladimir Monteiro, Souleymane Niang et Constança de Pina.

Contact : tkasse@panos-ao.org



“Push world leaders to live up to their promises” says Campaign

African activists Wahu Kaara and Coumba Toure are set to share the stage with Brazilian president, Lula da Silva at the World Social Forum launch of the Global Call to Action against Poverty (GCAP), an event expected to be the largest during this year's autonomous activities and predicted to draw over 12,000 people.

The Kenya based debt cancellation campaigner, Wahu Kaara said “We're expecting positive change. A combination of unprecedented popular action and active lobbying efforts will combine to make the governments sit up, listen, and take meaningful action towards making poverty history.”

The Global Call to Action against Poverty, a worldwide alliance of hundreds of organizations comprising trade unions, women's groups, non-

governmental organizations and faith groups, spanning every culture across the world, was unveiled at a Mwengo-organized event held during the Zambia December 2004 African Social Forum.

The campaign which is calling on world leaders to fulfill their commitments on trade justice, more and better aid and debt cancellation, was met with mixed reactions in Lusaka, Zambia, especially when the participating organizations were challenged to denounce the Millennium Development Goals, that seemed to have featured high on the agenda on a number of the continent's campaign platforms.

Under GCAP, millions of people will be participating in “White Band Days”, including at the G8 summit in Britain in July 2005, the WTO Ministerial and at the UN Summit in

September, to push world leaders to live up to their promises, and to make a breakthrough on implementable strategies to tackle poverty in 2005.

President Lula will be showing his solidarity with the Global Call to Action Against Poverty at its launch and is expected to receive a white band from a GCAP representative before heading for the Davos where the World Economic Forum is currently under way.

Wahu Kaara notes “WSF is a unique platform where social movements, networks, NGOs, and individuals come together to debate, analyse and formulate alternatives. Therefore the Forum is the most appropriate forum to launch these mobilisations because it is a forum driven by civil society and social movements.”

African activists told to develop practical solutions

By Glory Mushingi

Africans in the Social Forum process have been urged to move away from talk shops and mount campaigns seeking attainment of social justice if they want their issues to be taken seriously when making proposals for addressing ills bedeviling the continent.

African Labour Researchers Network (ALRN) coordinator, Thobile Yanta called on the Africans to stand up and begin to draft policy documents that would create concrete results and break the monotony of talk without practical solutions.

“This forum should move and Africans need to move from mere rhetoric and slogans and begin to draft policy documents that will create concrete results. As members of the network, we want to see a situation where the movement takes stock of issues that come out of the previous proposals that were

made since the beginning of the WSF in 2001 in Port Alegre for monitoring, implementation and creation of new ideas,” said Yanta.

Yanta called on Africa to have activists who are well organised and united in order to have movements that can mount bigger campaigns.

He highlighted the need for serious strategic plans that could result in making governments more accountable to the citizens in their respective countries on the continent.

“We need the getting together of movements to make big campaigns and to make governments accountable to their citizens: Firstly, Are they creating quality jobs? Secondly, Are they violating labour and what policies do they have for the environment?” Yanta asked.

He called on governments to develop monitoring mechanisms that would ensure that appropriate standards and procedures are

put in place to guide multinational companies in each country, through legislation as well as making sure that the standards and procedures are followed.

Yanta further observed that Africa was affected negatively by lack of resources, thereby making it difficult for its representatives to participate fully and actively in the WSF process.

He suggested that the continent should build its own capacity through a number of interventions, ranging from strengthening of its financial base as well as decentralisation of participation opportunities for the continent's citizens, including the African Social Forum.

“We as Africans do not have the ability to engage actively in the WSF process because of lack of financial resources. Therefore, capacity building should be a key to open Africa's locked opportunities,” he noted.

DECLARATION OF THE SOMALI SOCIAL FORUM

Another Somalia is Possible!

Over hundred and ten activists, committed to the spirit of the Somali Social Forum, representing Somali civil society organizations, institutions and individuals gathered in Mogadishu, Somalia between 20th and 22nd of December, 2004. The participants came from different locations as Puntland, Central regions, southern regions and Benadir region.

The forum Participants conducted analysis, shared experiences and drew evidence from testimonies and expertise on economic, social, political and cultural issues very much affecting the Somali people. The target was to conclude from a wide range of discussions along those matters, reasonable solutions that could lead to the realisation of another Somalia, based on social justice, peace, good governance and development.

The driving force propelling the gathering was the state of affairs in our country overwhelmed by insecurity, poverty, emerging government for Somalia, and other factors collectively affecting the people's ability to use its intellectual and natural resources.

The forum participants were concerned and discussed the following themes:

- Somali People's Need For Good Governance
- The Role of Somali CSOs in Conflicts and Peace
- The Role of Human Rights and Gender on Development
- Effects of Modern Technologies on Natural Resources and Productivity
- The Effects of International Financial and Trade Bodies on Somali Development
- Somalia's Position In a Fast Globalising World

In the light of the above, the participants have shown great interest to find durable solutions for the prolonged crisis of our country. The Forum also called the removal of all barriers towards peace, social and economic development in Somalia.

At the end of the forum, we recommend the following solutions to the chronic problems of our country and we also *urge the Somali Civil Society Organisations to lead the process of their realisations:*

1. To Support the new Transitional Federal Government of Somalia
2. To lobby for democratic principles and streamline justice, transparency, accountability and good governance in the country;
3. To appeal to the International Community to support the Somali people and its nascent government;
4. To eliminate culture of impunity, corruption, culture of violence, flow of lethal weapons into the country and to support culture of peace and respect for human rights at all levels;
5. To call upon all concerned communities cessation of hostilities particularly the ongoing confrontations in Galgaduud, Mudug, Bay and Benadir regions;
6. To institute free and fair media to enhance freedom of expressions, freedom of associations and freedom of publications;
7. That the Somali CSOs intensify their concerted efforts towards creating - Another Somalia- not suffering from wars, ignorance, disease, displacements, clan mentality and degradation of our dignity and identity;
8. To empower women and immediately restore their constitutional rights in the National Legislative Assembly quota (Seats) and as well in the Executive;
9. To promote locally-appropriate technology to reduce cycle of poverty by augmenting productivity and efficiency;
10. To encourage use of modern information technology for the development of all sectors and establish a national body to streamline its policy and practice;
11. To call for a total debt cancellation to enable the newly established government initiate national economic recovery measures;
12. To create avenues for job opportunities by reactivating economic institutions in Somalia;
13. To take effective measures to combat HIV/AIDS and other diseases with detrimental effects;
14. To protect the Somali ecological system and fight against the destruction of the Somali biomass;
15. To demand for effective implementation of the universally agreed Millennium Development Goals (MDGs) through controlled and target oriented mechanisms;
16. To set up a national body to keep off the harmful effects of globalisation, particularly in the spheres of international finance, trade and multilateral relations;

We uphold the vision that *Another World, Another Africa and Another Somalia are Possible!*

Africa must be heard

By Console Tleane

Amidst the piercing sounds of Brazilian drums, reminding one of the annual carnivals, and the various colour displays, was a small but distinguishable and energetic group that could not be ignored. The Africans are in town! This was the opening march of the World Social Forum 2005.

Distinguishable by their blue free-flowing *bubbas*, and their song and dance, led at times by the energetic and colourful Zambian Sakala Brothers, the African delegation at the opening march left a lasting impression.

The show of strength displayed by the African delegation should have soothed the worrying tone of Salma Maulidi from Tanzania who, talking to *African Flame* before the march, struck a disturbing cord.

Asked about her expectations for this year's WSF, Maulidi expressed disappointment at the fact that the continent's representation is arguably the lowest. Indeed, compared to Mumbai 2004, this year's Forum has thus far seen a very low turnout by African organisations.

"We cannot feel good about Lusaka (ASF 2004). Neither can we feel good about our attendance here. Africa is at the centre of all issues addressed by the WSF, yet our attendance is not satisfactory," said Maulidi, who further argued that it is not enough to complain about resources because that means African organisations are dependent solely on donors.

However, Maulidi was not only pessimistic. She expressed hope that this year's WSF will see Africa's problems taking more priority and African



Africa youth participant during the Africa Social Forum in Lusaka

delegates asserting their aspirations more. Her sentiments were echoed by Regis Mututu of Padare and John Moru from Zimbabwe and Nigeria respectively.

Both said that Africa should have a greater voice within the WSF, and that a clearer vision for the continent must be developed.

An exhausted Azeb Girmai, from Ethiopia, arguably summed up the aspirations of African delegation. Speaking as the march approached its end, she expressed hope that WSF 2005 will have more spaces for African voices. "I hope that people will be heard, especially people from Africa. Our people should also know that we have the capacity to change the

world we live in".

For Girmai, the WSF creates awareness about issues that confront many people today. It should be used as a space to mobilise movements that will confront the excesses of neoliberalism and free the continent.

As the sounds of drums fade into memory, and the tortured feet and vocal cords of the African delegates get a deserved rest, deliberations will be starting today.

It remains to be seen whether the collective hopes of these delegates will be met, and whether they will, just like they did during the march, defy numbers and make their presence felt during the entire course of the WSF.



M'afrika (second from the left) with her musicians

M'AFRICA MUSIC GRACES PORTO ALEGRE

"Music should impact democracy and human rights"

The Ugandan band M'Afrika took part on the Show of cultural Diversity, the first cultural event of the fifth WSF in Porto Alegre. Its leader and vocalist Miriam Kushaba talks to Flame of Africa.

Interviewed by Vladimir Monteiro

How was the group born?

This group was created in the year 2000 when all the women in Uganda competed in traditional music. We competed and I became the number one in the whole Uganda.

I represented my country in South Africa in a continental competition. In South Africa, I was number four in the whole of Africa. I am normally known as M'Afrika. When I came from there, I decided to start a band that I named M'Afrika Band.

What kind of music you music you perform?

We perform all kinds of music: traditional, western and even gospel Music. Our latest production is a gospel album. We have recorded three albums and we are training to produce videos and DVDs. We brought some copies but it is not yet commercially available.

How did you discover Porto Alegre?

We received an invitation from a university. They were looking for a woman who could perform in this event. I was chosen from all women in my country to represent Uganda and Africa in this forum.

How far are you concerned by the WSF philosophy?

It is very important to be here in Porto Alegre because I used to participate in campaigns against corruption and I campaign for human rights and democracy. My music is didactic. Our band was one time declared the most conscious band in Uganda. I am a woman, I teach the young to behave well, to respect one another, to love one another and enjoy life in responsible ways.

M'Afrika' members are Miriam Kushaba (vocalist), Makayizi Fatuma (dancer), Mugabé Albert (vocalist and dancer), Kagubaire Douglas (main vocalist and dancer), Mimusima Balaam (keyboardist), Rwabuzo Clemence (vocalist and dancer) and Ainebyona Isiah (drums).

Africa, raising some tough questions for WSF

By Diana Mulilo

What is it that Africans have brought to this year's World Social Forum (WSF)?

Answers range from taking a sharp look at globalisation, new forms of fundamentalism, and militarisation, to many more new issues that Africans are faced with like the rest of the world and its communities.

The Forum is meant for people from all walks of life who come to an open space to learn and share experiences on pressing issues. For example, globalisation has led to huge problems, and marginalised voices, especially in the policy arena, that movements have either suppressed or left out, coming out.

John Kinuthia from Kenya

observed that health care and food security were major challenges that the continent has to grapple with at the moment.

Since the introduction of Anti-Retroviral (ARVs) drugs for people living with the HIV/Aids most countries have come to realise that treatment needs to be accompanied by good nutrition.

On the policy level, with the introduction of the Millennium Development Goals (MDGs), Africa now has an added burden of debating how best to raise poverty eradication levels, addressing gender equality, the combating of diseases such as Malaria, HIV/AIDS and others, and to arrest their spread and also cure or reduce them gradually.

But so far, the efforts and resources being given by the developed countries is less or zero, hence the poverty levels and other issues affecting us Africans are not adding to the reduction of Africans leaving below half a dollar, but under the terror war of poverty and the scourge of HIV/Aids.

"Certainly MDG's have been achieved by most African countries in areas such as free primary education targeting a girl child, gender equality, which is also taking a centre stage in most decision making processes, and other areas. But the cultural aspects have added to the slowness in some of the processes," Kinuthia explained.

To mention a few, bad roads in the rural areas lead to increases in maternal mortality

rates because there are no health care clinics in those areas and roads to get to other clinics or hospitals are always bad and unusable.

Local pharmaceutical companies are unable to produce drugs largely because of lack of financial support from developed countries. As a result hospitals end up without the necessary drugs.

Africans are raising all these dilemmas. The question is: Why are the efforts taken by African people in trying to improve their living conditions not respected but instead being suppressed by lack of funding, which is a fundamental right that helps people to gain access to education and health that would help bring development to most African countries?

LE Forum social mondial 2005 de Porto Alegre s'est officiellement ouvert hier après midi avec une marche qui a regroupé plusieurs dizaines de milliers de personnes. Point de départ, le Largo Glênio Peres (Mercado Publico), pour rejoindre l'amphithéâtre Pôr-do-sol. Cette marche consacrée à la célébration de la diversité, a fait jonction sur son trajet avec une autre procession dite «marche de la dignité», mêlant ainsi des participants venues de quatre coins de la planète pour se joindre à ce 5^e Fsm. Sur une participation africaine estimée à plus de 300 délégués, ils étaient une quarantaine de personnes à battre le macadam de Porto Alegre. Mais malgré leur nombre réduit, ils ont pu se singulariser dans la mêlée, élevant la voix ici ou là pour lancer des slogans, se mêlant aussi à certains sarabandes joyeuses. En tenue traditionnelle africaine, brandissant des banderoles et quelques pancartes confectionnées à la va-vite, ils ont stigmatisé la mondialisation néolibérale et les politiques qui la sous-tendent, ainsi que les institutions financières internationales qui les imposent aux populations des pays du sud. «A travers notre participation à cette marche et surtout notre présence à ce rendez-vous de Porto Alegre, nous tenons à manifester notre solidarité par rapport aux différentes luttes qui se mènent de par le monde en vue de l'avènement d'un monde plus juste et de paix», a déclaré un participant africain, déplorant au passage la faible mobilisation de ses camarades du même continent à la manifestation.

Une déception partagée par Taoufik Ben Abdellah, membre du secrétariat du Forum social africain, pour qui la présence des Africains à ce 5^{ème} forum social de Porto Alegre s'inscrit dans la logique d'une affirmation de soi. «Nous voulons signifier que nous existons, que nous prenons part à toutes les manifestations, à toutes les expressions, et c'est important de démontrer qu'on est solidaire pour le monde alternatif en recherche. Nous voulons affirmer que nous aussi, nous défendons les valeurs d'égalité, d'entente, de non violence, de paix», a-t-il affirmé. Selon lui, «il est très important que l'Afrique puisse montrer son visage, sa couleur dans ce monde alternatif que l'ont veut universel. Nous avons beaucoup de choses à partager avec les autres ; il y a des questions récurrentes telles que la dette, l'ajustement structurel, qui ne trouvent toujours pas d'issue».

Ousseini ISSA



**African
Flame**
Another World
is Possible

27th Thursday, January 2005 - Number 1 - World Social Forum, Porto Alegre (Brasilia)

MARCHE D'OUVERTURE DU FSM 2005 Les Africains étaient de la fête

